

Rui Costa

MIKE TYSON PARA
PRINCIPIANTES

antologia poética

organizadores

André Corrêa de Sá (*Coordenador da Edição*)

António Aguiar Costa, Cláudia Souto

Margarida Vale de Gato

ASSÍRIO & ALVIM

INTRODUÇÃO

Esta antologia procura oferecer uma maneira de ler a poesia de Rui Costa, sabendo de antemão que tudo o que pudermos dizer a respeito da sua obra será condicionado por um tom deliberadamente pessoal: afinal, fomos amigos do Rui, companheiros de vida e poesia, e com ele dividimos durante muitos anos os caminhos do lado menos visível das coisas. Por isso, cada um de nós tem os seus pontos de referência nesse mapa de cumplicidades íntimas e as suas antologias pessoais de poemas. O Rui costumava dizer que a coerência era uma coisa póstuma e pouco empolgante («Quanto mais morto mais coerente» foi o título de um dos seus contributos para o blogue «Insónia», do Henrique Fialho) e, de facto, era em caminhos exteriores a qualquer espécie de senso comum que ele, quase sempre sozinho, recolhia o seu acervo de palavras e de metáforas, de obsessões rítmicas e formais. Procurava modos drásticos de desligar as palavras das raízes, e voltar a ligá-las, jogando-as umas contra as outras para recriar o vocabulário com que devemos falar daquilo que é importante. Daí o tratamento radioso e desconcertante da sintaxe e dos sentidos que nele descobrimos.

Esclareça-se desde já que o título *Mike Tyson para principiantes* nos foi fornecido pelo próprio autor — que o utilizou para uma antologia da sua obra que pretendia ver publicada, a cujas versões tivemos acesso. Embora mantenha o título inspirado pela metáfora do pugilismo, o livro que temos em mãos, substancialmente mais extenso, não é a antologia *Mike Tyson para Principiantes* que o au-

tor organizou; de qualquer modo, também não se trata de uma reunião dos seus poemas completos. O livro resulta da nossa selecção pessoal, democraticamente ponderada, feita a partir dos livros editados em vida, dos dispersos que vieram a lume em revistas literárias e volumes colectivos e dos inéditos que se conservam no espólio que a família mantém. Assinale-se também que, para a escolha e organização dos poemas, nunca perdemos de vista o objectivo de construir um livro inteiramente novo. Ainda assim, tendo acompanhado a sua escrita, achámos por bem respeitar uma constante na composição de todos os seus livros publicados, que foi a divisão em três partes, e orientá-la de uma forma que pudesse aproximar-se de propostas que o próprio deixou esboçadas.

O subtítulo da primeira parte, «À solta no ringue», foi extraído de uma dessas versões e pretende imprimir um movimento de vir ao mundo e confrontar-se com ele, que julgámos ser o tom prevalente de outras partes iniciais dos volumes de poesia que saíram em vida do Rui. A segunda parte, cujo subtítulo fomos buscar a um conjunto de citações de Mike Tyson por ele reunidas — «Não sou quem era quando lhe morde a orelha» — representa a agudização do confronto, a descoberta do adverso mas também do inesperado do mundo, que se nos afigura fundacional para a sua poética, pelo que também aí incluímos os textos de reflexividade em relação à escrita própria e alheia. Finalmente, a terceira parte — «Se uma estrela me falha, agarro numas nuvens» — é também uma citação de Tyson e evoca de algum modo o esforço de «parir a luz», que julgamos traduzir bem um último movimento frequente na sua obra, um gesto de imersão no mundo que assume o direito explícito de perguntar por que razão devemos continuar a abdicar do presente em função do futuro.

HUMANO

Com o homem começa o invisível.
O que se diz é o que se esconde, os olhos
giram para bem longe da sua fome.
O homem enche a sua fome de poemas,
os seus poemas de sonhos de amor,
os seus sonhos de amor de coisas impossíveis,
como a eternidade ou o lugar perfeito
onde nos deitaremos a ouvir o pensamento
dos pássaros, a água que corre aflita
com medo de ser pouca no chão tanto,
com a loucura do mundo a crescer no
nosso sexo, no nosso pensamento,
com o mundo a crescer vibrante a cada instante,
por dentro de nós, em nós, por fora de nós,
sem parar, sem memória, sempre,
sem fim, sem infinito, para lá das coisas que nos vencem,
para lá do sonho, nesse lugar além de tudo quanto
pode ser dito, de tudo quanto foi dito, além da história
do que somos, da vida que vivemos, todos, incluindo os mortos,
os que ainda não nasceram, os que se vendem, por dinheiro
ou excesso de tristeza, os que acreditam na vida, na beleza,
na utilidade prática da arte, na invencibilidade do amor,
na irmandade dos homens que constroem um mundo melhor,
homens e mulheres que estão aqui, ou que porventura

chegarão amanhã, quando nós e eles formos outros,
maiores que o dia que passou, que a noite que nos guarda,
quando o invisível for mais perto do braço que nos toca,
dos olhos onde revemos a história do mundo,
deste momento onde parimos a luz

OS TURISTAS

Estes são os turistas e vêm da Grécia
para me ver.
Não sabem que estou extinto
há um milhão de anos
e que me transplantei no vértice de uma
estrela perdida no futuro
luzindo à nossa imagem.
Eis os turistas, com suas rodas de fogo,
como eles chegam afoitos
e estacam diante das pedras
desta cidade que apodrece junto ao rio
porque não sabe distinta forma de amar.
São os turistas,
eles limpam as unhas às gaivotas
e comem pasta de atum
enquanto apertam as sandálias,
e olham para mim,
e levantam-se com o saco a tiracolo e
empunham o arpão
e perguntam se eu sou Herodes e eu
respondo-lhes que não,
nem Platão,
nem o seu vizinho acidental que
dominou a Lídia,

nem o cavalo que decidiu morrer para
ocultar a fuga do Mestre rumo a estâncias
balneares que não devem ser menosprezadas,
mas que posso carregar, sim,
no botão da máquina fotográfica,
e eu caminho os passos necessários e
diante dos séculos que o universo
não contempla
decepo-lhes a cabeça — e volto
para junto de mim
enquanto eles começam a escovar
o cabelo das gaivotas
e entrando num tubo que César
construiu caminham às cegas
para bem longe
da cidade que apodrece junto ao rio.

A MATÉRIA DO AR

Bom dia. Também eu sou feito de marfim.
Estes são os meus amigos d'hoje: folhede
para entreter as mãos, pontas de madeira
grossa para depois comer. Hoje havia água
e a minha boca é cheia.
Nunca o mínimo deus me salvou.

Nem luz nem a treva. Às vezes, de madrugada,
visito as mulheres que lavam e que cantam.
Trabalho com elas e há um forno transparente
onde cozer o pão. Depois elas perguntam sempre
quem sou e eu respondo: sou alguém que come pão
e que se senta fora da casa com as mãos na terra.
E elas começam a cantar e nunca me falam de
amor.

Ainda tenho pensamentos mas já não os penso.
Falo como o sono nutre a sua teia e o seu
veneno. Só os bichos da terra e os que andam
no céu são brancos. E digo:
Acende uma fogueira ao que sobrar do
mundo.

neste momento no mundo há
pássaros terroristas a espalhar veneno
no céu. se não fizermos nada já
um dia o céu vai estar irrespirável
e depois não temos sítio nenhum
para irmos quando morrermos.
é preciso pois que cada homem
vigie o pássaro que lhe passa perto
e impeça que esse pássaro,
cagando perigosamente para cima
como certamente quer,
contamine um pouco mais
do céu que só a nós pertence.
É absolutamente indispensável
que ninguém ponha em causa
a sua liberdade
ajudando os pássaros que voam
a cagar o céu
e os pássaros que não voam
a aprender a voar.
Quem o fizer (ouíé)
carregará
por todo o sempre
um grandecíssimo
par de asas

Inédito

ALQUÍMICA

É sobre as pedras que os corpos se apuram.
Entram pelas mãos, dispõem olhos pela luz.
Disse ao meu irmão: que fracos somos
quando queremos arder. E disse-lhe:
que fortes. Que imensamente voz no poderoso
rio da cabeça.
Então quis sucumbir à lentidão da fome.
Trouxe laranjas para um deus menor como
um dia alto. Perdi-me num campo de papoilas,
descrendo dum amor brutal e sem consequências.
E era eu muitas vezes, o corpo arqueava sumptuosas
ironias.
depois, não há depois. há uns olhos sulfurosos
a decantar paisagens gordas.
canteiros de armas,
cintilações de rosas. a minha mãe exposta como um templo
no princípio de outra coisa. e a vida. qualquer coisa breve
para entenderes: um sino ou uma ideia.
palavras pequenas do tamanho do mundo
pessoas do tamanho de palavras do tamanho do mundo
sentadas encostadas ao destino da raiva no mundo
perdidas por dentro achadas ao centro
de si próprias do mundo

Introdução.....	7
Actos Possíveis, Combates Futuros, Amor de Pugilista:	
A Poesia de Rui Costa.....	15
I. «À SOLTA NO RINGUE»	
O pão	33
Humano.....	34
Os turistas	36
A matéria do ar.....	38
<i>neste momento no mundo há</i>	39
Alquímica.....	40
A nuvem prateada das pessoas graves	41
Elegia azul	43
Breve	44
Morte	45
Não sei se sabes	46
Bar do acaso	47
Facebook love.....	48
Manifesto.....	50
Desperado	51
Sangue.....	52
A trapezista	53
J.....	56
Ao lado	57
Clássico nada original	58

Mundo	59
Parque da cidade	60
Épica	62
Madrugada	63
Teoria da literatura	64
Aeroporto	65
Diálogo	67
Fusível queimado, jantar elegante	69
Nome	70
Fim da primeira parte	76
II. «NÃO SOU QUEM ERA QUANDO LHE MORDI A ORELHA»	
O homem azul	79
Senhora de Londres escolhendo limões	80
A pintora	81
A cozinha	83
A música	84
Music box	86
Cantilena	88
Em que poema te vi névoa ou bruma	89
Não são poemas	90
Palavra peixe voador	91
Teoria lírica (poesia)	93
Teoria lírica (policial)	94
Teoria lírica (tradução)	96
Teoria lírica (desporto)	97
Teoria lírica (política)	98
Teoria lírica (bzana)	100
Kosher	102
A maçã na cabeça (a verdadeira história da iluminação)	103

Como eu comi a cabeça do escorpião budista	105
O acidente I (helderiana virulenta)	107
O acidente II (responde ruy belo)	109
O acidente III (poesia 61 com demão).....	110
O acidente IV.....	111
O acidente V (Derrida, C. Oliveira, Foucault).....	112
O acidente VI (clássico final).....	113
Turbe.....	114
António Pedro Ribeiro senta-se no piolho e escreve	115
A minha geração	117
<i>acredita em estrelas e espera delas tudo</i> —	120
<i>Podes pôr em prática a tua teoria</i>	121
Espanha	122
Riachuelo	124
Acidente na Riachuelo.....	127
Esperando o Nando Reis	128
<i>Dantes as pessoas saltavam do comboio em</i>	130
III. «SE UMA ESTRELA ME FALHA, AGARRO NUMAS NUVENS»	
Autobiografia	133
<i>Prefiro a realidade, amor, ao nosso sonho dela,</i>	135
<i>contigo é que eu me sinto imortal</i>	136
A construção da luz.....	137
Salina.....	138
Fábula	139
Faca de incêndio	140
Narciso	152
Branco.....	153
Eternidade.....	154
A selva é redonda.....	155

Versos de amor pós-moderno(s).....	156
As cinco estações	160
Talvez um poema de amor.....	162
A flor	164
Trance.....	165
Oração.....	166
Biótica.....	167
BREVE ENSAIO SOBRE A POTÊNCIA	169
Lista de proveniência dos poemas	203
Bibliografia de Rui Costa	205